

AGRICULTURA FAMILIAR PODE TER ACESSO À TECNOLOGIA

SEBASTIÃO BARBOSA

PRESIDENTE DA EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA)

DA REDAÇÃO

COMO SE propõe a atender as demandas do setor agropecuário, a Embrapa, enquanto instituição de pesquisa, precisa estar sempre preparada para a necessidade constante de transformação. Na década de 90 do século passado, foi uma das primeiras empresas públicas a investir em planejamento estratégico, implantando os seus planos diretores, que começaram com vigência de quatro anos. Estamos, agora, na elaboração do sétimo Plano Diretor da Embrapa, que ficará pronto no segundo semestre. Vamos estabelecer as diretrizes e os objetivos estratégicos do programa de pesquisa para a próxima década. O presidente Sebastião fala como enfrentar novos desafios com criatividade, parceria, cooperação e financiamento e, evidentemente, sobre a maior aproximação com o setor produtivo.

AGROANALYSIS: COMO ESTABELECEER PRIORIDADES DIANTE DO TAMANHO DO AGRO?

SEBASTIÃO BARBOSA: Contamos com especialistas debruçados no trabalho de prospecção em redes internas e externas chamadas de observatórios. Esse conjunto forma o nosso Sistema de Inteligência Estratégica (Agropensa), voltado para estudar as tendências nacionais e globais sobre as



JORGE DUARTE

transformações na agricultura. No ano passado, estabelecemos sete megatendências, reunidas no documento “Visão 2030 - O futuro da agricultura brasileira”. Estamos em contato e discussão com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e com o agropecuário, representado pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), pelas associações de produtores e pelo sistema da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Como a produção

na agricultura passa por profundas transformações, precisamos antever os cenários de risco e as oportunidades desses processos.

NO CAMPO, O PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO GANHA VELOCIDADE?

SB: As novas formas de impulsionar a competitividade do agro, com o uso de inovações tecnológicas, internet das coisas e inteligência artificial, entre outras, ampliam o potencial de benefícios em prol da produtividade, da agilidade e da disseminação de conhecimento. Mas, por outro lado, devemos reconhecer os muitos produtores à margem do acesso a esse tipo de recurso. As diferenças regionais reforçam essa realidade de exclusão digital. Conectados às redes sociais, cerca de 90% dos produtores rurais já usam o celular em suas atividades diárias. Com a internet, pequenos e médios produtores melhoraram a sustentabilidade e a competitividade de seus negócios. Isso motiva a permanência dos jovens no campo. Ainda há muitos desafios a serem superados para que a disseminação de informações aconteça de forma efetiva.

“
A SINERGIA ENTRE
AS INSTITUIÇÕES
DE PESQUISA E
EXTENSÃO REDUZ
AS DIFERENÇAS DE
MERCADO E MELHORA
A ADMINISTRAÇÃO
DA REALIDADE.
”

PARCERIAS COM OUTRAS INSTITUIÇÕES DE PESQUISA E EXTENSÃO PODEM SER SINÉRGICAS?

SB: A maior parte do conhecimento produzido pela Embrapa e pelas instituições de pesquisa está à disposição da sociedade. Essa relação deve ser fortalecida. A assistência técnica, por exemplo, precisará estar mais estruturada por políticas públicas que atendam as diferentes realidades da agricultura. Hoje, o sistema estadual de extensão e pesquisa está em extinção. Essa situação precisa ser revertida.

A sinergia entre as instituições de pesquisa e extensão reduz as diferenças de mercado e melhora a administração da realidade. Essa cooperação requer um alinhamento de estratégias para atender o nosso principal cliente: o produtor. Teremos de ir além das parcerias tradicionais, porque o cenário reivindica vários outros perfis de parcerias. Existem possibilidades de cooperação, inclusive, com *start-ups* – novos empreendedores com interesse nas tecnologias desenvolvidas pela Embrapa –, além de fundos de investimento, parques tecnológicos e agências de fomento.

COMO PROMOVER O DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR?

SB: Por menor que seja, o agricultor precisa ter a atividade agrícola como um negócio e participar do mercado. Já passou o tempo em que os governos distribuíam sementes, adubos, ferramentas, entre outros. Os agricultores precisam organizar-se em associações e cooperativas para vencer as imperfeições do mercado: comprar os insumos de maneira mais barata e vender de maneira mais cara, como fazem os grandes produtores.

Com garantias para a conquista de mais competitividade, o agricultor familiar poderá ter acesso aos recursos do desenvolvimento tecnológico. A pesquisa agropecuária possui um estoque de conhecimento e soluções tecnológicas. Mas, somente 11,4% dos estabelecimentos rurais respondem por 87% do valor da produção agrícola nacional.

No Nordeste, na região do semiárido, concentram-se os maiores indicadores de pobreza rural.

Lá, o Brasil ainda precisa estabelecer estratégias efetivas para a agricultura de base familiar ser um mecanismo de geração de renda e emprego. Isso só acontece com políticas públicas que compreendam e considerem as realidades locais do campo. A extensão rural necessita ser reestruturada para retomar a importância e ampliar a sua efetividade.

QUAIS SÃO OS IMPACTOS DA PESQUISA AGROPECUÁRIA SOBRE A ECONOMIA, O MEIO AMBIENTE E A MESA DO BRASILEIRO?

SB: Ao longo da sua trajetória de 46 anos, a Embrapa acumula um legado de transformação na história do desenvolvimento da agropecuária nacional. Na mesa do brasileiro, o valor pago para a comida pela população é mais baixo. Houve uma redução do preço da cesta básica, e aumentou a diversidade de alimentos à disposição do consumidor. Aumentaram, também, a renda e a qualidade de vida do agricultor.

De 2016 e 2018, entre tecnologias, produtos e serviços desenvolvidos pela Embrapa, foram contabilizadas mais de 2 mil entregas à sociedade. Esse resultado que aparece todos os anos reflete-se no aumento da produção, na qualidade dos alimentos, no aumento das exportações, na oferta de fontes alternativas de energia, na conservação ambiental e na geração de conhecimento.

COMO RESGATAR A CARÊNCIA TECNOLÓGICA NA REGIÃO DO SEMIÁRIDO?

SB: Neste momento, o governo federal, por meio da ministra Tereza Cristina, do MAPA, mostra muita preocupação com as ações e as estratégias voltadas para o semiárido. A Embrapa mantém na região centros de pesquisa com conhecimento e reforço. Se houvesse pesquisa e extensão estaduais, o trabalho da Embrapa seria maximizado.

A Embrapa Territorial elaborou um estudo estratégico para o desenvolvimento local e identificou oito microrregiões da caatinga prioritárias, uma em cada estado do Nordeste, totalizando 106 municípios, com alto potencial de desenvolvimento

“
MAS, SOMENTE 11,4%
DOS ESTABELECIMENTOS
RURAIS RESPONDEM
POR 87% DO VALOR
DA PRODUÇÃO
AGRÍCOLA NACIONAL.
”

agropecuário. Como a área está sendo tomada como exemplo do potencial de desenvolvimento da caatinga, foram levantadas informações nas cadeias produtivas existentes para que elas sejam desenvolvidas, como valor e produção de alimentos, assentamentos de reforma agrária, programas de irrigação (cisternas, açudes e pivôs de irrigação) e cadastros rurais, unidades da Embrapa presentes em cada região e outros temas importantes para a atuação do Ministério.

HÁ OPORTUNIDADES PARA ATUAR NO MERCADO DE SEMENTES?

SB: Até o final da década de 1990, a atuação da Embrapa foi marcada pela oferta de tecnologias, processos e produtos. O mercado era ávido por novidades. O Estado funcionava como um indutor, condutor e fornecedor de inovações. A iniciativa privada, impulsionada pela Lei de Proteção de Cultivares, encontrou um cenário fértil e seguro para investir e consolidar a transformação da agropecuária tropical. Coube à pesquisa pública nacional abrir os obstáculos do caminho, para, depois, passarem os vagões da iniciativa privada.

A estratégia funcionou nas cadeias produtivas mais organizadas e ligadas às *commodities*. Depois, a pesquisa pública redirecionou parte do investimento



JORGE DUARTE

“ ALÉM DE REVOLUCIONAR A AGROPECUÁRIA NOS TRÓPICOS, A EMBRAPA, COM OS SEUS 42 CENTROS DE PESQUISA, AJUDOU A LEVAR O PAÍS A QUEBRAR RECORDES DE PRODUÇÃO. ”

para demandas de outros setores agropecuários. Continuamos com a oferta de cultivares mais produtivas e resistentes a pragas e doenças. Entendemos que o Estado precisa garantir uma parcela, mesmo que pequena, nesse negócio para funcionar, caso necessário, como regulador em momentos de crise ou de concentração do mercado em um número muito restrito de participantes privados.

PODEMOS CONSIDERAR A EMBRAPA UM DOS PILARES DA COMPETITIVIDADE DO AGRO?

SB: A agricultura, movida a ciência, precisa garantir produtividade, qualidade, competitividade, com inovação e estratégia focada na prospecção de cenários a partir de demandas. A Embrapa tem uma história de 46 anos voltada para isso. Basta ver a trajetória da transformação pela qual passou a forma de produção nacional. Além de revolucionar a agropecuária nos trópicos, a Embrapa, com os

seus 42 centros de pesquisa, ajudou a levar o País a quebrar recordes de produção.

Desenvolvemos mais de sessenta programas de melhoramento voltados para espécies vegetais – muitos deles em parceria com o setor privado –, que incluem cereais, frutíferas, algodão, hortaliças e condimentos, leguminosas, forrageiras, florestais e palmeiras, raízes e tubérculos, ervas medicinais e aromáticas e corantes. Isso significa a abertura de oportunidades para os negócios de base tecnológica, com foco em articulação, validação, valoração e inserção de ativos, de forma compartilhada, no mercado. O Brasil precisa investir mais em pesquisa, desenvolvimento e inovação. ■